

La Comédiathèque

Cenas de Rua

Jean-Pierre Martinez

comediatheque.net

Este texto pode ser lido e descarregado gratuitamente.
Qualquer representação pública, profissional ou amadora, mesmo gratuita, requer autorização prévia e o pagamento dos respetivos direitos de autor. Solicitar autorização:
<https://jeanpierremartinez.net/pt/contato/>

Cenas de Rua

Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Num passeio de uma rua desenrolam-se histórias estranhas...

1. No final da rua.....	3
2. Planos de carreira.....	7
3. A Rua é de todos.....	10
4. Em rodas.....	14
5. O Preço justo.....	17
6. O Homem da rua.....	20
7. O Número correto.....	22
8. Segunda oportunidade.....	24
9. Na Rua.....	27
10. A Manifestação para ninguém.....	29
11. Uma orelha atenta.....	32
12. A Aposta de Pascal.....	36
13. Uma boa varredura.....	42
14. Uma Sombra na Rua.....	46

35 personagens:

Distribuição muito flexível em número e género,
cada intérprete podendo desempenhar vários papéis,
e a maioria dos papéis podendo ser representada por homens ou mulheres.

1. No fim da rua

Um troço de rua, com um passeio e, eventualmente, um banco. Uma pessoa chega de um lado e outra do lado oposto.

Um – Desculpe, sabe para onde vai esta rua?

Dois – Para onde vai? Não faço ideia...

Um – Mas vem de lá, não vem?

Dois – De onde?

Um – Desta rua!

Dois – Não, eu moro ali, no número 5 bis, mesmo no princípio da rua. Para o outro lado, não faço ideia de onde vai dar.

Um – Ah, sim, é chato.

Dois – Chato?

Um – Não vou seguir por esta rua sem saber onde vai dar.

Dois – Mas, para onde vai?

Um – Disseram-me que no final da rua, mas...

Dois – No fim da rua? Que rua?

Um – Disseram-me a rua que desce.

Dois – A rua que desce? Então, não deve ser esta.

Um – E porquê?

Dois – Eu diria que esta rua sobe, não?

Um – A mim parece-me que desce, sem dúvida.

Dois – Ou talvez, não a tenha seguido na direção certa...

Um – Ah, não, para mim desce.

Entra uma terceira pessoa.

Dois – Desculpe incomodar... Na sua opinião, esta rua sobe ou desce?

Três – É para uma sondagem?

Dois – Não...

Três – Aviso já, não me envolvo em política.

Dois – Não, não, é só que disseram a esta pessoa para ir até ao fim da rua que desce, e...

O terceiro olha para a rua.

Três – Eu diria que esta rua é plana, não?

Dois – Então é uma rua quase plana...

Um – Quase plana a subir ou quase plana a descer?

Três – Pousamos um berlinde no passeio e vemos para que lado rola.

Um – Mas como é que um berlinde pode subir?

Três – Não é o berlinde que sobe, é a rua! O berlinde mostra-nos para que lado é a descida.

Um – Sim, claro. Podemos experimentar...

Os três parecem esperar algo.

Dois – Tem um berlinde?

Três – Não.

Um – Então porque é que sugeriu pôr um berlinde no chão?

Três – Foi só uma ideia! Nunca disse que tivesse um berlinde. Tenho ar de quem anda a jogar ao berlinde?

Dois – Teríamos de encontrar uma criança.

Um – Uma criança com berlindes.

Olham à sua volta.

Três – Hoje em dia, crianças a jogar ao berlinde...

Dois – Pois...

Três – É uma tradição que se perde. Quando eu era criança, ainda jogávamos ao berlinde.

Dois – Eram outros tempos. Hoje, se jogassem ao berlinde, era numa aplicação de telemóvel.

Um – Bem, isso não me diz se é a rua certa.

Três – A rua certa?

Dois – Disseram-lhe que era no fim da rua, mas não lhe deram o nome.

Três – Só no final da rua?

Um – Disseram-me a rua que desce.

Três – Que desce? Mas em que direção?

Dois – Foi isso mesmo que eu disse...

Três – Mas onde é que quer ir, afinal?

Um – A lado nenhum! Estou à procura do meu carro.

Três – Do seu carro...?

Um – O meu marido disse-me que o estacionou numa rua que desce, mas não disse qual.

Dois – Foi há muito tempo?

Três – Porquê? Achar que a inclinação da rua mudou entretanto?

Dois – Se seguir por aqui, logo vê se o seu carro está estacionado nesta rua.

Três – Descê-la... ou subi-la. Eis a questão.

Dois – Disse-lhe em frente a que número?

Um – Apenas me disse no final da rua. No topo.

Três (com ceticismo) – Lá em cima? No fim de uma rua que desce...?

Um – Estou um pouco com medo de me perder. Já ando às voltas há uns bons quinze minutos.

Três – É verdade que parece virar um pouco, no final, essa rua, não?

Dois – Bem... Isso explicaria tudo...

Três – O que explicaria?

Dois – Como se chama a rua em frente?

Um – Essa rua? A que também desce?

Três – Eu diria mais que sobe, mas tudo bem...

Dois – Vou ver...

Vai verificar. A terceira pessoa olha na direção em que se afastou.

Três – Não sei onde vai dar essa rua; nunca a percorri. Há mais de dez anos que vou duas vezes por semana ao número 214 da Rua do Círculo.

O outro regressa.

Dois – Incrível! É também a Rua do Círculo, número 214.

Três – Essa rua também se chama Rua do Círculo?

Dois – Sim, como a outra.

Um – Como é que uma rua pode descer em ambas as direções?

Três – Bem, se for uma rua circular...

Dois – Pode descer em ambas as direções perfeitamente...

Três – Por isso é que o seu marido lhe falou na rua que desce...

Dois – E no final de uma rua que desce e que é circular, inevitavelmente, está no topo da rua.

Um – Ah, sim, não é falso...

Três – Incrível... Há dez anos que percorro esta rua de ponta a ponta para ir ao psicanalista, virando à esquerda à saída da boca do metro. E afinal basta virar à direita!

Dois – Que boca?

Três – A boca do metro!

Um – Isso é que é andar às voltas!

Dois – Se fosse eu, deixava a psicanálise...

Um (voltando-se) – Olhe, afinal o meu carro está ali...

Três – O quê?

Um – O meu carro!

Dois – Ah, aí está ele.

Três – Tudo corre bem quando acaba bem.

Um – Muito obrigado pela vossa ajuda... Desculpem, tenho de ir, já estou atrasado...

Dois – Claro, claro.

A primeira pessoa afasta-se. As outras duas seguem-na com o olhar.

Três – Parece que há aqui qualquer coisa que não anda muito bem...

Dois – Pois...

2. Planos de carreira

Duas alunas do ensino secundário (que podem ser representadas por adultas vestidas de adolescentes) chegam uma após a outra, à saída da escola.

Um – Já recebeste as notas?

Dois – Sim.

Um – Qual é a tua média?

Dois – Dezassete.

Um – Ena...

Dois – E a tua?

Um – Oito e meio.

Dois – Ena... É exatamente metade.

Um – Metade de quê?

Dois – Oito e meio. Metade de dezassete.

Um – Achas?

A outra olha para ela, surpreendida e desiste de responder. Silêncio.

Um – O que queres ser quando fores grande?

Dois – Não sei... *(Pausa.)* Estou indecisa entre fisioterapeuta e peripatética.

Um – Que fixe... *(Pausa.)* Mas o que é exatamente uma fisioterapeuta?

Dois – Por exemplo, alguém tem uma câibra, chama a fisioterapeuta e ela faz-lhe uma massagem...

Um – Para tirar a câibra...?

Dois – Sim...

Um – Ah, percebo... É uma massagista, portanto.

Dois – Sim, mas agora chama-se fisioterapeuta.

Um – Está bem...

Dois – Vem do grego: «cinese» quer dizer movimento e «terapeuta» é quem trata. Por isso é preciso estudar para ser fisioterapeuta.

Um – Estudar grego?

Dois – De latim, sobretudo. Para saber o que são o rádio, o cúbito, o estrato-cúmulo, Rómulo e Remo...

Um – Que fixe... *(Pausa.)* E ganha-se bem a ser fisioterapeuta?

Dois – Não muito. Esse é o problema... Por isso é que também penso em ser peripatética.

Um – Peripatética... É uma espécie de esteticista, não é?

Dois – Mais ou menos. É uma esteticista que trabalha a passear pelas ruas. É por isso que se chama peripatética.

Um – Ah, está bem... *(Pausa.)* E ganha-se bem?

Dois – A minha irmã mais velha é peripatética, e a minha mãe diz que ela ganha dez vezes mais.

Um – O que faz a tua mãe?

Dois – Nada.

Um – Nada?

Dois – No centro de emprego.

Um – Ena... Que chatice... E a tua irmã gosta do trabalho?

Dois – Não sei. O meu padrasto pô-la na rua mal acabou a escolaridade obrigatória.

Um – Isso é que é mau...

Dois – Não, é mau.

Um – E o teu padrasto, o que faz?

Dois – Nada...

Um – Está desempregado?

Dois – Morreu.

Um – Ena... Mas morreu... assim? *(A outra não responde.)* Uau...

Dois – E tu, o que queres fazer quando acabares o secundário? Se algum dia conseguires...

Um – Estou indecisa...

Dois – Entre o quê e o quê?

Um – Não sei.

Dois – O que fazem os teus pais?

Um – O meu pai é professor de grego.

Dois – E a tua mãe?

Um – Professora de grego.

Dois – Fantástico...

Um – Querem que eu seja professora de latim.

Dois – De latim?

Um – Dizem que nunca teria nível para ensinar grego.

Dois – Fantástico...

Um – Não há desemprego. É o serviço público.

Dois – E ganha-se bem a ensinar grego?

Um – Não sei...

Dois – Mais do que uma peripatética?

Um – Talvez um pouco menos, suponho.

Dois – E são necessários estudos...

Um – É preciso passar num concurso... Também há concurso para ser peripatética?

Dois – A minha irmã começou logo depois de acabar a escolaridade obrigatória.

Um – Ah, isso é que é fixe...

As duas ficam em silêncio durante uns instantes.

Um – Oh, droga...

Dois – O que aconteceu?

Um – Oito e meio... Os meus pais vão matar-me, de certeza...

Dois – Então diz-lhes aquilo.

Um – O quê?

Dois – Quando chegares a casa, diz aos teus pais que queres ser peripatética. Assim deixam-te em paz.

Um – Tu achas?

Dois – Claro...

Um – Ah, pois...

Dois – Nem precisas de ir para a universidade.

Um – Não é má ideia... (*Olha para o relógio.*) Tenho de ir, senão ainda me matam mesmo...

Dois – OK. Conta-me depois.

Um – O quê?

Dois – Sobre os teus pais. O que eles pensam sobre o teu projeto profissional...

Um – Está bem, obrigada pela dica...

Uma afasta-se. A outra suspira.

Dois – Esta miúda é mesmo parva.

3. A rua é de todos

Um homem vestido de mulher, com aspeto de prostituta, está à espera no passeio. Chega uma religiosa, visivelmente incomodada ao vê-lo.

Religiosa – O que está a fazer aqui?

Travesti – Não se vê?

Religiosa – Isto não é propriamente uma zona de prostituição. Não acha que destoa um pouco?

Travesti – É da polícia?

Religiosa – Não exatamente...

Travesti – A rua é de toda a gente, não é?

A religiosa oferece-lhe uma nota.

Religiosa – Tome, aqui tem uma nota de dez euros. Pegue nela e vá-se embora, está bem?

O travesti olha para a nota, surpreendido, mas não a pega.

Travesti – Muito obrigado, irmã. É muito generoso da sua parte. Mas infelizmente tenho de ficar.

Religiosa – Só lhe estou a pedir que vá para o fim da rua!

Travesti – Sim, mas lamento, não vai ser possível.

A religiosa reflete por um momento, incomodada, e depois decide algo.

Religiosa – Bem, diga-me uma coisa: quanto custa o sexo oral?

Travesti – Porquê? Está interessada?

A religiosa tira duas notas de vinte euros e oferece-lhas.

Religiosa – Aqui tem duas notas de vinte euros. O meu carro está na esquina. Porque não vai até lá ver se estou? Pode considerar que está a trabalhar...

Travesti – Mas estou a dizer-lhe que não posso.

Religiosa – E porquê?

Travesti – Porque tenho uma boa razão para não me mover daqui, é por isso.

Religiosa – Qual é a razão?

Travesti – E eu estou a fazer-lhe perguntas?

Religiosa – Não o impeço de perguntar o que quiser, desde que depois se vá embora.

Travesti – Muito bem. Então por que razão a incomoda tanto que eu esteja aqui? Não é muito cristão. Lembra-lhe que o próprio Jesus não atirou pedras à mulher adúltera...

Religiosa – Pois eu, em relação às mulheres adúlteras, até sou a favor da lapidação, está a ver...

Travesti – É uma ameaça?

Religiosa – Ouça, não tenho nada contra si. Estou a vigiar a casa em frente e preferia passar despercebida. Se ficarmos aqui os dois, já parece uma multidão...

Travesti – O número 13?

Religiosa – Sim, o número 13, porquê?

Travesti – Não, sou eu quem pergunta porquê. Por que razão lhe interessa tanto o que se passa no número 13?

Religiosa – Digamos que duas pessoas vão encontrar-se ali. São casadas, só que não uma com a outra, se está a perceber...

Travesti – E foi o céu que a enviou para impedir esse pecado mortal? É uma espécie de anjo da guarda? Chama-se Josefina?

Religiosa – Martina. E sou sobretudo uma mulher traída...

Travesti – Ah, percebo... É a mulher de...?

Religiosa – Vejo que não lhe escapa nada.

O travesti fica surpreso.

Travesti – Ah, sim, claro, isso muda tudo...

Religiosa – Então...

Travesti – Em todo o caso, parabéns pelo disfarce. Nunca teria desconfiado que...

Religiosa – Obrigada.

Travesti – E que acha do meu?

Religiosa – Não me diga que o senhor também...

Travesti – Pois é... Sou o marido traído.

Religiosa – Não me diga!

Travesti – É verdade...

Religiosa – Incrível! Parabéns a si também. Nunca teria adivinhado que...

Travesti – E agora, o que fazemos?

Religiosa – É verdade que os nossos disfarces são perfeitos, mas...

Travesti – Sim, uma dupla como a nossa é, no mínimo, invulgar.

Religiosa – E chama muito a atenção.

Travesti – Realmente é má sorte.

Religiosa – Ainda vamos acabar por chamar a atenção, de certeza.

Travesti – Pena não termos combinado os disfarces.

Religiosa – Podemos agir como se não nos conhecêssemos.

Travesti – Está bem... Podemos tentar...

Religiosa – Não devem tardar a chegar.

Durante alguns instantes, esforçam-se por se ignorar.

Travesti – Vou tirar algumas fotos com o meu telemóvel e sair. É para o meu advogado.

Religiosa – Tinha pensado em contratar um detetive para as fotos, mas é tão caro.

Travesti – E tão cliché.

Religiosa – Se as suas fotografias não ficarem bem, envio-lhe as minhas. Deixe-me o seu endereço de correio eletrónico.

Travesti – Tome, aqui está o meu cartão.

Entrega-lhe um cartão, que a outra pessoa aceita.

Religiosa – Ah, trabalha neste centro empresarial?

Travesti – Sim, porquê?

Religiosa – Também eu. Quer dizer, nesta zona, mas noutra empresa.

Travesti – Pelo menos temos algo em comum.

Religiosa – É curioso que nunca nos tenhamos cruzado antes.

Travesti – Talvez até já nos tenhamos cruzado. Mas imagino que também não vá trabalhar vestida assim...

Religiosa – Não, tem razão...

Pausa.

Travesti – Fuma?

Religiosa – Não, obrigada...

Travesti – Ah, eu também não fumo. Só queria saber se a senhora fumava.

Religiosa – Ah, sim? E porquê?

Travesti – A minha esposa fuma. É absolutamente insuportável.

Religiosa – Pois, sei como é. O meu marido também fuma.

Travesti – Pelo menos têm isso em comum. Talvez se tenham conhecido numa tabacaria...

Religiosa – Quem sabe...

Travesti – Ah, acho que eles já chegaram.

Religiosa – Não me atrevo a olhar... Certamente que nos descobrem.

Travesti – Só nos resta fazer como nos filmes.

Religiosa – Nos filmes?

Abraça-a e beija-a demoradamente. Aos poucos, desfazem o abraço.

Travesti – Devem ter entrado no número 13.

Religiosa – Tem a certeza de que eram eles?

Travesti – Para dizer a verdade, não tenho a certeza. Nem olhei bem. Estava com a cabeça noutro sítio...

Religiosa – Sim, eu também... Acha que nos reconheceram?

Travesti – Sinceramente, duvido. Com estes disfarces...

Religiosa – Bem, acho que é melhor irmos embora.

Travesti – Estou a pensar em entregar o caso a um detetive privado, afinal.

Religiosa – Pois... Afinal, é uma profissão.

Travesti – Mas espere: por que não contratamos o mesmo detetive para os dois casos? Afinal, as fotografias serão as mesmas.

Religiosa – Tem razão. Não faz sentido duplicar as despesas. Dividimos os custos...

Travesti – Nem pensar. Faço questão de pagar.

Religiosa – Um verdadeiro cavalheiro! E nem sequer sei como se chama...

Travesti – Jerónimo. É melhor não ficarmos muito tempo aqui. Aceita beber um copo comigo?

Religiosa – Não sei se será muito sensato, mas...

Travesti – O difícil vai ser encontrar um sítio onde possamos passar despercebidos.

Religiosa – Pois... Não vai ser fácil.

Saem.

4. Sobre rodas

Uma pessoa entra a puxar pela trela um cão de brinquedo com rodas. Outra chega com um maço de cigarros na mão. O diálogo pode ser ligeiramente ajustado consoante o género dos intérpretes.

Dois – Então, já regressou?

Um – Ah, bom dia! Sim, cheguei esta manhã. E o senhor?

Dois – Ontem à noite.

Um – Muito trânsito na estrada?

Dois – Saímos cedo, felizmente, senão...

Um – Sim... As férias acabaram...

Dois – Dizemos isso, mas afinal até sabe bem voltar a casa, não acha?

Um – Mmm...

Dois – Não se pode estar sempre de férias. Acabaria por ser aborrecido. (*Oferece-lhe o maço de cigarros.*) Um cigarro?

Um – Obrigado, deixei.

Dois – Ah, sim?

Um – As boas resoluções para o regresso das férias, sabe como é... Agora uso cigarro eletrónico.

Tira um cigarro eletrónico e começa a fumar. A outra pessoa guarda o maço.

Dois – Se calhar devia fazer o mesmo... (*Tira uma caixa de comprimidos, toma um e prepara-se para a guardar, mas hesita.*) Desculpe, quer um? É um calmante. Só se vende com receita, mas é muito fraquinho...

Um – Obrigado, também deixei os medicamentos...

Dois – Ora essa... Então não se trata apenas de boas resoluções! Encontrou Deus este verão, tornou-se monge e só veio buscar as suas coisas antes de se fechar num mosteiro?

Um – Pelo menos o senhor não fez voto de silêncio...

Dois – Pois, se calhar tem razão. Também devia deixar de tomar isto.

Um – Deixar de dizer disparates, quer dizer?

Dois – Não, deixar os medicamentos!

Um – Ah, claro... É verdade que não tem muito bom aspeto para quem acaba de voltar de férias...

A outra pessoa fica ligeiramente melindrada.

Dois – E a sua mulher, como está?

Um – Para ser sincero... Também a deixei.

Dois – Deixou-a?

Um – Passávamos a vida a discutir. Por isso arranjei uma coisa... insuflável.

Dois – Ah... Assim não há tantas complicações, certamente...

Um – Encho-a de ar todas as noites. Vemos um pouco de televisão e depois... E o senhor?

Dois – Eu? Não, continuo com a minha mulher, à antiga. Por enquanto é ela que continua a encher-me a cabeça todas as noites...

Um – Entendo...

Silêncio desconfortável.

Dois – E o cão, como está?

Um – O cão? Sobre rodas.

Dois – Ah, nem tinha reparado... Então também trocou o cão...

Um – Este não ladra e, pelo menos, não tenho de apanhar os dejetos.

Dois – Claro... Mas então por que é que continua a levá-lo à rua?

Um – Hábito, suponho. Mas tem razão, também vou deixar de sair para levar o cão a fazer as necessidades. Assim evito encontros desagradáveis...

Novo silêncio.

Dois – Até lhe propunha irmos beber uma cerveja, mas já imagino a resposta...

Um – Deixei o álcool...

Dois – E pronto.

Um momento.

Dois – Um café, talvez?

Um – Deixei a cafeína.

Dois – Um descafeinado?

Um – Está bem... Um descafeinado com adoçante, então. Mas com a condição de prometer que se cala um bocadinho.

Dois – É o que digo sempre à minha mulher. Tudo seria muito mais simples se as pessoas deixassem de falar só por falar.

Um – Nem me diga...

Dois – Às vezes...

Um – Só nos apetece nunca mais ouvir falar de certos assuntos.

Dois – Nem mais... E essa sua... coisa insuflável...

A outra pessoa lança-lhe um olhar irritado.

Dois – Está bem, não digo mais nada.

Começam a afastar-se.

Um – Vamos, vem, cão.

Dois – Chama-se "cão"?

Um – Não tinha prometido ficar um bocadinho calado?

Dois – Desculpe...

Um – Acho que também vou deixar de aturar os vizinhos...

Saem.

5. O preço justo

Uma mulher está a fazer a rua. Um homem aproxima-se timidamente.

Um – Desculpe... A senhora...

Dois – Sim, sim...

Um – E... Quanto custa?

Dois – Eu... Não sei...

Um – Não sabe?

Dois – É que... Para dizer a verdade, é a primeira vez...

Um – A primeira vez?

Dois – Não, claro que não é a primeira vez que... Quero dizer, é a primeira vez que... Enfim, estou a começar nesta profissão e ainda não conheço bem os preços...

Um – Já entendi...

Dois – Quanto me daria, então?

Um – Não sei... Cerca de vinte e sete...

Dois – Vinte e sete euros?

Um – Ah... Não... Vinte e sete anos...

Dois – Ah, percebi!

Um – Na verdade, também não faço ideia dos preços...

Dois – Já imaginava... Vinte e sete euros é bastante preciso... Para alguém que não conhece os preços... Não, quero dizer... Quanto me daria por...

Um – Desculpe, houve um mal-entendido... Eu também não tenho experiência... Também é a primeira vez para mim...

Dois – A primeira vez?

Um – Não, não é a primeira vez... Quero dizer que é a primeira vez que...

Dois – Claro... Afinal, tem de haver uma primeira vez...

Um – Pois... Também não sei quais são os preços habituais. Era justamente isso que queria perguntar... Quanto custam os seus serviços?

Dois – Então vai ser complicado, se nenhum dos dois sabe os preços. Quanto me daria? Desta vez não estou a falar da idade, está bem?

Um – Claro... Desculpe...

Dois – Não se desculpe. Além disso, tenho trinta e dois anos... Deveria agradecer-lhe a sua cavalheirice... Então...

Um – Então o quê?

Dois – Quanto?

Um – Ah sim... Quero dizer que... É difícil dizer assim...

Dois – Diga um preço. Quanto estaria disposto a pagar?

Um – Não sei... Cento e cinquenta...?

Dois – Cento e cinquenta?

Um – Peço desculpa... É pouco, certamente...

Dois – Está a brincar? Mas isso é muito!

Um – Acha?

Dois – Não sei quais são os preços, mas cento e cinquenta euros é deitar dinheiro fora! E eu nem sequer tenho experiência...

Um – Não tenho a certeza de que, nesse caso, a experiência...

Dois – Mesmo assim... Ou paga depois.

Um – Depois?

Dois – Paga-me depois o que entender, se ficar satisfeito. Uma espécie de «satisfeito ou reembolsado»!

Um – Não, sinceramente, sentir-me-ia constrangido...

Dois – Sim, mas então, o que fazemos?

Um – Desculpe-me por perguntar isso, mas... Porque está...?

Dois – Porque é que faço a rua?

Um – Não é obrigada a responder, claro.

Dois – É por causa de uma vidente.

Um – Uma vidente?

Dois – Ela leu-me os lóbulos das orelhas... É uma vidente que lê o futuro nos lóbulos. Pelos vistos é uma especialidade rara, e foi por isso que acreditei nela.

Um – E o que viu nos seus lóbulos?

Dois – Disse-me que via o amor... e um passeio. Desde então, tudo se foi encadeando, como se fosse o destino...

Um – Talvez ela também fosse uma vidente iniciante... Ou talvez tenha interpretado mal...

Dois – Acha?

Um – Não sei... Ler os lóbulos da orelha é bastante delicado, afinal...

Dois – E o senhor?

Um – Como fui parar a esta situação? Bem... Tive algumas decepções amorosas e comecei a perguntar-me se...

Dois – Se não era mais fácil assim.

Um – Exato. Mas percebo que provavelmente não é uma boa ideia.

Dois – Não me diga que vai embora assim! É o meu primeiro cliente e até o acho bastante simpático...

Um – Obrigado, mas... Agora estou a sentir-me um pouco desconfortável...

Dois – Agora?

Um – Agora que conversamos...

Dois – Acha que falo demais, não é?

Um – De maneira nenhuma, pelo contrário! Mas agora que já conversámos e nos conhecemos um pouco...

Dois – E se eu não cobrasse?

Um – Está a brincar... Não, a sério, sentir-me-ia constrangido...

Dois – Encare isso como uma oferta de lançamento... Uma experiência gratuita.

Um – Mesmo assim, não sei se... Deixe-me ao menos convidá-la para jantar primeiro...

Dois – Se o senhor insistir...

Um – Vamos...

Afastam-se.

Dois – Agora que penso nisso, acho que tem razão. Aquela vidente também devia estar a começar. Ela também não me cobrou nada...

Saem.

6. O homem da rua

Uma pessoa está à espera do autocarro. Entra outra.

Dois – Desculpe, é o homem da rua?

O outro olha para ele, claramente surpreendido.

Um – Sou, pelo menos, o homem do passeio...

Dois – Estou a estagiar num instituto de sondagens e pediram-me que entrevistasse o homem da rua. Dispõe de uns minutos?

Um – Estou à espera do autocarro...

Dois – Excelente coincidência: trata-se de uma sondagem ómnibus.

Um – Ómnibus?

Dois – É uma sondagem que junta perguntas sem qualquer relação entre si. Assim fica mais barato para quem as encomenda, percebe?

Um – Não...

Dois – Cada cliente compra um bilhete, por assim dizer, que lhe dá direito a uma pergunta no mesmo ómnibus. Fica mais barato do que alugar um autocarro inteiro.

Um – Não percebo nada do que está a dizer... É uma sondagem sobre os transportes públicos?

Dois – Primeira pergunta: é historicamente comprovado que Jesus Cristo nunca ia à missa. Concorde totalmente, concorda em parte...?

Um – Tem a certeza de que os colegas do instituto não estão a pregar-lhe uma partida?

Dois – Discorda em parte, discorda totalmente...?

Um – É para uma câmara oculta, certo?

Dois – Vou assinalar «discorda em parte»...

Um – Mas é uma pergunta completamente estúpida.

Dois – Quem encomendou esta pergunta tem uma posição muito elevada, acredite.

Um – Quem é?

Dois – Peço desculpa, é confidencial. Segunda pergunta: considera possível uma sociedade completamente igualitária, desde que se mantenham todos os privilégios?

Um – Está a gozar comigo?

Dois – De maneira nenhuma!

Um – Como espera que responda a questões como estas?

Dois – Esta responde-se com um simples sim ou não.

A outra pessoa lança-lhe um olhar exasperado.

Dois – Vou assinalar «não sabe»...

Um – Suponho que existe uma terceira e última pergunta...

Dois – Na verdade ainda há outras perguntas, mas...

Um – Diga-lhes que o ómnibus avariou...

Dois – Então... Porque existe alguma coisa em vez de nada? É uma pergunta aberta, encomendada por um particular, do seu próprio bolso.

Um – Um professor de filosofia, talvez.

Dois – Por acaso, foi a mulher de um homem que tem um talho especializado em carne de cavalo.

Um – Pois, casada com um homem que vende carne de cavalo, compreendo que se ponham questões existenciais...

Dois – E qual é a sua resposta?

Um – Quantos caracteres tenho?

Dois – Como num antigo tweet: cento e quarenta caracteres.

Um – Se os filósofos tivessem respeitado esse limite, a filosofia seria muito mais popular nas escolas...

Dois – Então?

Um – Porque se nada existisse, também não haveria cavalos, nem talhos de carne de cavalo nem ninguém atrás do balcão a fazer esta pergunta parva.

Dois – Ora essa...

Um – O quê?

Dois – São exatamente cento e quarenta caracteres...

Um – Bem, tenho de ir. Aí vem o meu autocarro...

Dois – Pode deixar-me o seu nome e um telefone? Às vezes verificam se inventámos as respostas...

A outra pessoa entrega-lhe o cartão.

Um – Aqui tem o meu cartão...

A pessoa afasta-se. A outra fica a olhar para o cartão.

Dois (a ler) – Senhor Da Rua... (*Levanta os olhos.*) E como se chama esta rua?

7. O número certo

Uma pessoa sem-abrigo pede esmola. Chegam um homem e uma mulher, que a evitam cuidadosamente.

Ela – Há muito mais pessoas marginalizadas neste bairro do que antes, não é?

Ele – É verdade, quando morávamos aqui, não havia tantas pessoas na rua.

Param e olham para a fachada de um edifício do lado do público.

Ele – Lembras-te?

Ela – Sim.

Ele – Estava no sexto, certo?

Ela – No sétimo.

Ele – Ah sim, é verdade.

Ela – Parece tão distante...

Ele – Mal tínhamos móveis.

Ela – Não tínhamos máquina de lavar loiça.

Ele – Nem sequer tínhamos banda larga.

Ela – A vida boémia...

Ele – Não tínhamos muito, mas éramos felizes.

Ela – Realmente somos mais felizes agora?

Ele – O dinheiro não traz felicidade, isso é certo.

Ela – Estávamos contentes com o que tínhamos, e não éramos infelizes por causa disso.

Ele – Éramos jovens. Amávamo-nos.

Ela – Ainda somos jovens, não somos? E ainda nos amamos?

Ele – É verdade, passaram apenas seis meses.

Ela – Seis meses! Parece que passaram dez anos.

Ele – Também acho. Quase me esqueci da nossa antiga vida. Tens a certeza de que é este o número?

Ela – Claro que sim. O número 13! Não me digas que te esqueceste... O número complementar!

Eles olham a fachada em silêncio por um momento, com sorrisos tolos nos lábios.

Ele – Sessenta milhões, imagina!

Ela – Muda a vida, de certeza.

Ele – Já não somos obrigados a viver no sétimo andar de um prédio.

Ela – Eu gostava daquele apartamento. Tinha uma vista magnífica sobre a cidade.

Ele – Sim. Mas não era muito grande.

Ela – Trezentos metros quadrados para nós dois já eram bastante.

Ele – Mesmo assim. No sétimo andar.

Ela – Com elevador...

Ele – Lembras-te de quando o elevador avariou? Durante uma semana, a empregada teve de subir os sete andares com os nossos fardos de água mineral.

Ela – Coitada...

Ele – De certeza que agora está muito mais feliz, desde que vivemos numa casa térrea, numa zona residencial.

Ela – Viver no centro é muito conveniente, mas barulhento.

Ele – Por isso escolhemos este duplex no último andar.

Ela – Ah sim, é verdade... Era um duplex...

Ele – Por isso é que já não me lembrava se era o sexto ou o sétimo.

Ela – Tens razão. Na verdade, tínhamos os dois andares.

Novo silêncio emocionado.

Ele – Vamos, voltemos. Não vamos cair na nostalgia.

Ela – Além disso, o motorista está à espera.

Ele – É para isso que ele é pago, certo?

Ela – Então, quantos milhões temos agora?

Ele – Já tínhamos 10 que vinham da minha família.

Ela – E mais vinte da minha família.

Ele – Com os 60 milhões da lotaria...

Ela – Então serão uns oitenta...

Ele – Se me permites, diria antes noventa...

Ela – Eu e os números... Nunca soube fazer contas.

Ele – Não és uma mulher de dinheiro. Foi por isso que casei contigo.

Afastam-se, evitando cuidadosamente o mendigo.

Ela – Talvez pudéssemos dar-lhe algo...

Ele – Só tenho notas grandes...

8. Segunda oportunidade

Entra uma pessoa sem-abrigo. Vê uma moeda no chão e apanha-a.

Um – Dois euros... É o meu dia de sorte.

Chega outra pessoa sem-abrigo.

Dois – Olá...

Um – Olá... Nunca te vi por esta rua antes.

Dois – Não, sou novo. E daí? Isso incomoda-te?

Um – Surpreende-me, é só isso.

Dois – A rua é de todos, não é?

Um – A rua, talvez... Mas o passeio...

Dois – E tu, há quanto tempo ocupas este passeio?

Um – Este lugar é a minha casa.

Dois – Então és um tipo caseiro, não é?

Um – Tenho as minhas pequenas rotinas, sim. Conheço toda a gente.

Dois – Conheces toda a gente. Mas ninguém te conhece.

Um – De qualquer forma, não te conheço.

Dois – Bem, eu conheço-te.

Um – Conheces-me?

Dois – Não te lembras de mim?

Um – Não.

Dois – É verdade que mudei um pouco. Tu também, aliás.

Um – Não gosto muito de charadas.

Dois – Imagina-me barbeado, de fato e gravata, atrás de uma secretária de imitação de mogno.

Um – Desculpa, mas estou a ter dificuldade em perceber.

Dois – Era o teu consultor financeiro no Banco do Progresso.

O outro fica momentaneamente petrificado.

Um – Cabrão! E agora vens aqui para te rires de mim novamente na minha rua? Vou estrangular-te, desgraçado!

Tenta saltar-lhe ao pescoço, mas o outro esquiva-se.

Dois – Calma! Podemos conversar, não é? E, aliás, tenho um negócio para te propor.

Um – Um negócio? Mas acabei assim precisamente por causa dos péssimos investimentos que me aconselhaste, desgraçado!

Dois – Desta vez é diferente, eu garanto. É totalmente sem riscos.

Um – Sem riscos? Claro que é sem riscos! O que mais é que eu posso perder? Só me deixaste com a camisa que tenho vestida!

Dois – Tu próprio o disseste: não tens nada a perder, e eu também não. Então? Queres uma segunda oportunidade?

Um – Não!

Dois – Está bem... Então, azar o teu. Vou tentar encontrar outro parceiro. Vou deixar-te, porque não tenho tempo a perder. É uma oportunidade única que tenho de aproveitar na próxima hora.

Começa a afastar-se.

Um – Espera, continua a falar...

Dois – Tens a certeza?

Um – Vou ouvir...

Dois – Bem, acontece que fiquei com uma nota de 50 euros.

Um – Isso é tudo o que te restou do que me roubaste?

Dois – Decidi arriscar. Fui a uma vidente há pouco tempo e ela deu-me os cinco números do próximo sorteio da lotaria.

Um – Isso é uma piada?

Dois – Eu juro, ela estava muito confiante.

Um – Tudo bem. Vais ficar milionário então? Fico feliz por ti. E o que é que isso tem a ver comigo? Planeias devolver-me com o teu grande prémio, certo?

Dois – Não exatamente.

Um – É curioso, mas já o imaginava.

Dois – Então eu dei-lhe os 50 euros que me restavam para obter esta informação privilegiada... e nem sequer tenho dois euros para comprar um bilhete de lotaria.

Um – E então?

Dois – Só me resta uma hora!

Um – E depois?

Dois – Bem, eu estava a pensar se... se estarias disposto a investir neste negócio. Tu dás os dois euros. E partilhamos os lucros. Dois terços para mim, um terço para ti.

Um – Em resumo, queres que te dê os dois euros que acabei de encontrar no chão... para comprar um bilhete de lotaria porque uma vidente te deu os números vencedores?

Dois – Então, afinal, tens dois euros para investir neste negócio! Não te vais arrepender, acredita.

Um – A sério, achas que sou parvo! Com estes dois euros, posso comprar um pão e uma garrafa de vinho tinto!

Dois – Mas eu estou a oferecer-te a oportunidade de fazer uma fortuna!

Um – Tu é que me arruinaste!

Dois – Desiludes-me, sabias? Mesmo no caso muito improvável de a vidente se ter enganado, estou a oferecer-te a possibilidade de ganhar 60 milhões! E tu falas-me de um pão e uma garrafa de vinho. Sabes uma coisa? Não és digno de ser meu parceiro neste negócio. Bem, vou-me embora...

Está prestes a sair.

Um – Está bem. Cinquenta-cinquenta. Embora eu seja quem assume o risco financeiro. Como sempre...

Dois – Está bem, mas és um osso duro de roer nos negócios.

Ele estende a mão e o outro dá-lhe os dois euros.

Dois – Não te vais arrepender, acredita. Espera por mim aqui, volto. Esta noite seremos ricos!

Um – Antes de te conhecer, já o era.

O outro vai embora.

Um – Porque é que tenho a desagradável sensação de ter sido enganado outra vez?

9. Na rua

Um homem vestido como uma criança está em cena. Entra uma mulher vestida como uma menina.

Dois – Mas o que se passa contigo? Não parece que estejas bem.

Um – Não...

Dois – Onde estão os teus filhos?

Um – Os meus filhos acabaram de me abandonar.

Dois – Na rua assim? É monstruoso! Como é que se pode fazer isso a um adulto? Eram teus filhos biológicos?

Um – Não, fui adotado. Tinham-me acolhido na ANDA há apenas um ano...

Dois – A ANDA?

Um – A Associação de Proteção dos Adultos.

Dois – Aí está! Hoje em dia, as crianças já não têm sentido de responsabilidade. Arranjam um adulto de estimação por capricho, sem pensar no trabalho que dá: alimentá-lo, vesti-lo, levá-lo a passear... E, quando se cansam, abandonam-no no passeio. Um adulto não é um objeto! Não é um brinquedo!

Um – Não queres adotar-me tu?

Dois – Coitadinho... Gostava muito, mas já sou o adulto doméstico de uma família de cinco irmãos. Se aparecesse em casa com outro adulto, duvido que eles aceitassem...

Um – Que pena. Pareces simpática. E os teus filhos, pelo menos tratam-te bem?

Dois – Está bem... Uma vez esqueceram-me numa estação de serviço quando foram de férias, mas não o fizeram de propósito. Fiquei assustada... Também pensei que me tinham abandonado! Mas não, voltaram à minha procura uma hora depois...

Um – Uma hora?

Dois – A próxima saída estava a mais de cinquenta quilómetros de distância... Então, o que vais fazer agora?

Um – Não sei...

Dois – Tens pelo menos uma tatuagem?

Um – Sim... Tatuaram-me o número de telemóvel deles no ombro esquerdo...

Dois – Isso demonstra alguma confiança.

Um – Tu achas?

Dois – Significa que, pelo menos no início, não tinham intenção de te abandonar... Embora, no ombro esquerdo, não deva ser fácil para ti ler esse número.

Um – Felizmente, sei o número de cor...

Dois – Já tentaste ligar-lhes?

Um – Atende sempre o gravador de mensagens. Se calhar mudaram de número.

Dois – Tens a certeza de que o fizeram de propósito?

Um – Estávamos na rua. Eu estava a andar à frente. Num momento virei-me e eles já não estavam lá.

Dois – É o que as crianças fazem quando querem livrar-se dos adultos... Infelizmente, também vou ter de te abandonar.

Um – Deixar-me?

Dois – Quer dizer... Os meus filhos estão naquela loja de brinquedos. Não deixam entrar adultos. Mas estão quase a sair...

O telefone do outro toca.

Um – Estou? Ah, são vocês! Não, pensei que... Pensei que vos tinha perdido... Também estão nessa loja? Sim, espero aqui fora com outra pessoa adulta. Levem o tempo que quiserem... (*Guarda o telemóvel.*) Eram eles...

Dois – Vês, não precisavas de ter medo... As crianças, afinal de contas, não nos abandonam assim.

Um – Tens razão... Assustei-me sem motivo. Sou um bocado emotivo. Moras aqui perto?

Dois – Sim, sim... Mesmo no final da rua...

Um – Então talvez nos possamos encontrar de vez em quando...

Parece ver algo.

Um – Agora tenho mesmo de ir. Já os vejo a sair da loja e detestam esperar... (*Para os bastidores.*) Sim, sim, já vou! Encontraram alguma coisa de que gostassem?

Sai. A outra fica ali, pensativa.

Dois – Que vida de cão...

10. A manifestação por ninguém

Duas pessoas aguardam com cartazes ainda em branco. Entra uma terceira.

Três – Desculpem, aqui é onde começa a manifestação?

Um – Sim, sim, é aqui.

Três – Bem...

Dois – Partimos daqui e vamos até... Até onde exatamente vamos?

Um – Desta vez não tenho a certeza. Mas havemos de descobrir, não é?

Dois – Afinal, só temos que seguir os outros.

Três – Ah, entendi...

Um – Veio manifestar-se connosco?

Três – Sim, quer dizer... Espero não me ter enganado de manifestação.

Dois – Há outra manifestação hoje?

Três – Pensei que soubessem. Há uma contramanifestação.

Um – Uma contramanifestação? Sabias disso?

Dois – Não... Isso pode complicar as coisas, se os dois percursos se cruzarem.

Um – Achas que nos podemos encontrar?

Dois – Não sei... Por onde é que eles vão passar?

Três – Eu não sei.

Um – De qualquer forma, como nós não sabemos por onde vamos passar...

Dois – Sim, bem, na verdade está certo.

Um momento.

Um – O que escreveste no cartaz?

Dois – Ainda não escrevi nada. Estou sem ideias...

Ficam a pensar.

Três – Talvez eu possa ajudar.

Um – Porque não?

Os três refletem.

Três – Desculpem perguntar, mas queria ter a certeza de que não me enganei... Afinal, qual é a causa desta manifestação?

Dois – Qual é a causa? Queres dizer: contra o quê?

Três – Não sei... Pensei que fossem os outros a manifestar-se contra...

Um – Os outros?

Três – A contramanifestação...

Dois – Ah, não, a contramanifestação, eles estão a favor.

Três – A favor?

Um – Parece que não está muito familiarizado com manifestações, certo?

Três – Pois... Tenho de admitir que é a minha primeira manifestação.

Um – Bem, então vamos explicar. Nesta manifestação, nós somos contra.

Três – Contra? Contra o quê?

Dois – Depende da ocasião, obviamente. Mas em geral, somos contra.

Três – Entendi...

Um – Os outros, na contramanifestação, são contra nós sermos contra.

Três – Acho que percebi... Em geral, quero dizer. Mas hoje, em concreto, contra o quê é que se manifestam?

Um – Contra o quê? Contra o quê estamos protestando hoje, não me vem à mente agora...

Dois – Não sei... Ainda não escrevi nada no cartaz. Estava à espera da palavra de ordem.

Três – Palavra de ordem? Pensei que fossem contra a ordem... Contra a ordem estabelecida, quero dizer.

Os outros dois trocam um olhar.

Um – O senhor é espertinho... Está a tentar baralhar-nos, é isso?

Dois – Não será um polícia à paisana, por acaso?

Três – Um polícia?

Um – Um infiltrado, digamos assim!

Dois – Está aqui para nos desmoralizar, é isso?

Três – Não, de maneira nenhuma. Não sou polícia. Não tenho nada contra a polícia, mas também não tenho nada a favor.

Dois – Ok, tudo bem. Mas o que está a fazer aqui então?

Três – Bem, eu estava a pensar... Tenho vontade de me envolver mais...

Um – Bem, neste caso, seja bem-vindo.

Três – Obrigado, mas gostava de saber pelo que me vou manifestar.

Dois – Já dissemos que ainda não temos ideias! Quero dizer, ainda não decidimos...

Três – Ah, sim, mas isso é irritante.

Um – Sempre decidimos no último minuto para evitar sermos manipulados.

Três – E a contramanifestação?

Um – Pelos vistos, hoje estão um passo à nossa frente...

Dois – Afinal, está connosco ou está contra nós?

Três – Acho que tenho de pensar melhor... Talvez me tenha precipitado. Não sei se estou preparado para me comprometer. Desculpem...

Ele sai.

Um – Há todo tipo de gente, juro...

Dois – Quando não se tem maturidade política...

Um – Tens a certeza de que não era polícia?

Dois – Quem sabe...

Um – Mesmo assim, é estranho.

Dois – O quê?

Um – Nós somos apenas dois.

Dois – Tens razão.

Um – Tens a certeza de que a manifestação é hoje?

Dois – Agora já nem sei. Aquele tipo baralhou-me completamente.

Um – Como ainda não temos palavra de ordem...

Dois – Se calhar houve uma contraordem.

Um – Eu proponho que voltemos amanhã, que tal?

Dois – Tens razão. A base ainda não estava preparada para uma manifestação desta envergadura.

Um – Como se costuma dizer, não vale a pena ter razão cedo demais.

Dois – Espero que não nos cruzemos com a contramanifestação, de qualquer forma, seria vergonhoso...

Um – Pareceríamos dois idiotas, sim.

Dois – Achas?

Eles saem.

11. Uma orelha atenta

Duas pessoas estão a varrer a rua. Uma encontra qualquer coisa no chão.

Um – É incrível o que se encontra nas sarjetas.

Dois – O que é isso?

Um – Uma orelha.

Dois – O quê?

Um – Uma orelha, já te disse!

Dois – Uma orelha? A sério? Deixa ver... É mesmo uma orelha!

Começa a olhar pelo chão.

Um – O que estás à procura?

Dois – Estou a ver se encontro a outra.

Um – Por que deveria haver uma segunda?

Dois – Sei lá... As orelhas vêm aos pares, não vêm?

Um – As orelhas vêm aos pares? Que disparate...

Ficam perplexos por um momento, apoiados em cabos de vassoura.

Dois – O que vamos fazer com essa orelha?

Um – E o que queres que façamos?

Dois – Não sei. Talvez devêssemos tentar encontrar a pessoa a quem pertence.

Um – E para que é que a pessoa a iria querer?

Dois – Acho que se eu perdesse uma orelha e alguém a encontrasse, gostaria que me devolvessem.

Um – Como assim, perder uma orelha? Uma orelha não se perde como um molho de chaves! Como é que alguém perde uma orelha sem dar por isso?

Dois – É verdade... Como é que alguém pode perder uma orelha?

Um – Também poderia ser uma mulher.

Dois – Uma mulher? Por que uma mulher?

Um – Porque não? As mulheres também têm orelhas! Onde é que usariam os brincos?

Dois – Mas esta orelha não tem brincos.

Um – Talvez fosse uma mulher que não usava brincos...

Dois – É horrível...

Um – O quê?

Dois – Saber que algures há uma mulher a passear com uma única orelha...

Um – A mulher da orelha cortada...

Nesse exato momento, uma mulher se aproxima.

Três – Leio as linhas da mão. Querem que vos leia as vossas?

Um – Na verdade, precisamos de alguém que saiba ler o futuro nos lóbulos das orelhas. Consegue?

Três – É uma questão de experimentar...

A primeira pessoa estende-lhe a orelha.

Um – Aqui tem: emprestamos-lhe uma orelha atenta.

Dois – O que realmente queremos saber é de quem é esta orelha.

A vidente parece concentrada.

Três – Vejo... uma vassoura.

Dois – Acha que poderia ter pertencido a uma bruxa?

Um – Uma vassoura... É óbvio: somos varredores, portanto vê vassouras! Se fôssemos peixeiros, cheirava a peixe; se fôssemos marinheiros, ouvia o mar...

Três – Por enquanto, só sinto más vibrações...

Dois – Encontrámos esta orelha ao varrer as folhas mortas da sarjeta.

Um – O outono é a época alta para os varredores... As orelhas mortas apanham-se às pazadas...

Dois – E que mais vê?

Três – Vejo... (*Agitando a orelha como em transe*) Não vejo nada, mas ouço.

Um – Agora uma vidente que ouve...

Dois – E o que ouve?

Três – Ouço uma voz... que vem de muito longe.

Dois – O que diz essa voz?

Três – Ouço... números!

Um – Números?

Dois – Deve ser uma mensagem codificada.

Três – Cinco números... E um sexto...

Dois – O número complementar!

Três – Sim... Sim, parece ser... Parece a combinação do próximo sorteio da lotaria!

Um – A lotaria?

Dois – E quais são os números?

Ela devolve bruscamente a orelha, como se o encanto se quebrasse.

Três – Se querem saber, têm de pagar adiantado.

Um – Claro... E o que nos garante que é a combinação certa?

Três – Nada. Não são obrigados a acreditar. Os senhores verão...

Um – Nós é que vamos ver? Pensava que era a senhora quem via o futuro...

Dois – Mas pensa bem... E se forem mesmo os números certos?

Um – Estás a falar a sério?

Dois – O que temos a perder?

Um – Isso, acho que a senhora nos dirá...

Três – Cinquenta euros.

Um – Cinquenta euros?

Três – É pegar ou largar.

Um – Então porque não joga a senhora a combinação vencedora?

Três – Foram os senhores que encontraram esta orelha, não fui eu. Seria falta de ética.

Dois – Seriam apenas 25 euros para cada um...

Um – Está bem, vamos com 40, certo?

Três – Está bem.

Cada um entrega à vidente uma nota de vinte euros. Ela tira um papel do bolso e entrega-lho.

Três – Aqui estão os números vencedores.

Dois – Mas esses números já estavam escritos no papel antes de a senhora ouvir a voz!

Três (*com ênfase*) – O destino está sempre escrito de antemão.

Ela sai.

Dois – Não sei porquê, mas eu acredito...

Um – E quais são esses números?

A outra pessoa prepara-se para ler os números, mas muda de ideias.

Dois – Anda por aqui... (*Olha para o público.*) Até as paredes têm ouvidos!

Eles afastam-se um pouco.

Um – Então, quais são?

Dois – O 13.

Um – Clássico.

Dois – O 5 bis.

Um – Vamos dizer o 5.

Dois – E o 214.

Um – O 214?

Dois – Vamos dizer o 2, o 1 e o 4.

Um – Sim, mas isso só faz 5 números.

Dois – Ah sim, é verdade...

Um – Ela não nos deu o número complementar, a desgraçada.

Dois – Devíamos ter-lhe dado os cinquenta euros que pediu.

Um – Claro, agora vai ser culpa minha.

Dois – E o que fazemos com esta orelha? Não parece nada limpa...

Um – Claro, encontrámo-la na sarjeta...

Dois – *(Para o público.)* Ninguém perdeu uma orelha? Uma orelha suja... Vou deixá-la aqui, à vista de todos, para quem a quiser recuperar...

Um – Bem, vamos fazer a aposta ou não?

Dois – Vamos... Não sei porquê, mas tenho a sensação de que é o nosso dia de sorte...

Saem.

12. A aposta de Pascal

Entra uma pessoa desorientada, com um mapa na mão. Encontra no chão uma nota de banco e examina-a. Entra outra pessoa, a quem se dirige.

Um – Desculpe, não terá...?

Dois (*interrompendo*) – Desculpe, mas não tenho trocos.

Um – Não, não estou a pedir esmola! Queria apenas saber se perdeu uma nota de banco...

A outra pessoa detém-se, surpreendida, e suaviza a expressão.

Dois – Uma nota? Depende... Quanto vale a nota?

A primeira pessoa volta a olhar para a nota.

Um – Quinhentos.

Dois – Ah sim, claro... Espere, deixe-me ver... (*Finge procurar nos bolsos.*) Eu... Sim, talvez... quer dizer uma nota de quinhentos euros, certo?

O outro examina a nota.

Um – Sim, quinhentos... Ah não, espere...

Dois – Não é uma nota de quinhentos?

Um – Sim, mas é uma nota de quinhentos francos.

Dois – Francos? Quer dizer... os antigos francos?

Um – Não, os francos novos... Quer dizer, os de antigamente. Os francos antigos já não existiam, pois não?

Dois – Os francos novos também já não existem... Deixe-me ver...

O outro entrega a nota.

Dois – Ah, sim... Quinhentos francos. Um «Pascal», como se dizia na altura... Há anos que não via uma nota destas. Mesmo quando circulavam, não se viam muitas...

Um – Pascal... Ele era um filósofo, não era?

Dois – Um matemático, eu acho...

Um – Ah sim! A aposta de Pascal!

Dois – Quinhentos francos...

Um – Quanto é isso em euros?

Dois – Cerca de cem euros, não é? Algo assim...

Um – Então não é sua... Acha que ainda se pode trocar?

Dois – No Banco de França? Creio que já não. (*Devolve-lhe a nota.*) Nem sei se ainda existe o Banco de França.

Um – Acha?

Dois – Agora, com a Europa...

Um – Mesmo assim, o Banco da França...

Chega uma terceira pessoa, que parece procurar alguma coisa. As outras duas observam-na, intrigadas.

Um – Procura alguma coisa?

Três – Sim, creio que perdi cem euros, veja lá...

Dois – Cem euros?

Um – E nem sequer tem a certeza? Se eu perdesse cem euros...

Três – Fui ao multibanco e levantei cem euros, como faço habitualmente. Mas agora não os encontro. Talvez tenham caído do bolso... Por acaso não os encontraram?

Um – Cem euros? Não...

Três – Ou talvez eu tenha esquecido...

Dois – Como assim, esqueceu?

Três – Antes esquecia-me do cartão no multibanco: tirava o dinheiro e deixava lá o cartão. Agora tenho sempre o cuidado de tirar o cartão, mas às vezes esqueço-me das notas...

Um – Nesse caso, o multibanco recolhe as notas, não é?

Três – Sim... A menos que alguém tenha tirado antes...

Dois – Ou que o vento as tenha levado.

Um – É verdade, está vento hoje.

Dois – As folhas mortas apanham-se às pazadas...

A primeira pessoa mostra a nota que encontrou.

Um – E também as notas de banco...

Três – Encontrou os meus cem euros?

Um – Foi isto que apanhei do chão.

Entrega-lhe a nota de quinhentos francos.

Três – Uma nota de quinhentos francos...

Dois – Não pode ser a sua.

Três – Ainda é bastante curioso, de qualquer forma...

Um – O quê?

Três – Quinhentos francos... isso é aproximadamente cem euros, certo?

Dois – Mas vá lá... como é que a sua nota de cem euros se transformaria numa nota de quinhentos francos?

Três – Sim... especialmente porque as minhas eram duas notas de cinquenta euros.

Um – Como é que sabe? Nem tem a certeza de não os ter esquecido no multibanco.

Três – Tem razão... Mas notas de cem euros são pouco comuns, não?

Dois – Hoje em dia, menos raras do que notas de quinhentos francos.

Um – Por que milagre se transformariam duas notas de cinquenta euros numa nota de quinhentos francos?

Dois – Não acredito em milagres. E transformar duas notas de cinquenta euros numa nota de quinhentos francos que já nem se pode trocar... Belo milagre!

Três – Sobretudo porque cem euros eram 655 francos e 96 cêntimos. Assim perco mais de 155 francos na troca!

Um – Sim, estamos bem longe da multiplicação dos pães, isso está claro...

Eles permanecem perplexos por um momento.

Dois – Ou talvez tenha saído do multibanco...

Três – Como assim?

Dois – Disse que nem olhou para as notas. Nem sequer sabe se as tirou.

Três – E daí?

Dois – Talvez tenha sido o multibanco a dar-lhe quinhentos francos em vez de duas notas de cinquenta euros.

Três – acha? Mas isso é um roubo!

Dois – Talvez esteja avariado.

Um – Mas vá lá, se não tirou as notas, o multibanco as teria engolido.

Três – Quem sabe... Pode haver multibancos que não as engolem...

Dois – Especialmente quando tentamos fazê-los engolir notas que já não têm validade.

Três – Mas diz que foi o multibanco que me deu aquela nota de quinhentos francos! O banco dá-me uma nota fora de circulação e depois a máquina nem a quer receber?

Dois – É realmente difícil de engolir...

Um – Talvez o multibanco a tenha engolido e depois cuspidido.

Três – De qualquer forma, tenho a desagradável sensação de que, nesta história, sou eu quem se deu mal.

Dois – É um pouco a sensação que todos temos ao sair do nosso banco, não é?

Três – Um multibanco a distribuir francos... Isto não faz sentido!

Um – Não sei... Vê outra explicação?

Novo silêncio perplexo.

Um – Eles não terão voltado ao franco sem nos dizerem, não é?

Dois – É verdade que há algum tempo que não ouço as notícias...

Três – Mesmo que se tivesse voltado a usar outra moeda, teríamos dado por isso! Não é uma simples mudança da hora de verão...

Dois – Tenho outra hipótese, mas é um pouco assustadora...

Um – Conte-a...

Dois – E se tivéssemos dado um salto para o passado...

Três – Um salto?

Um – Quer dizer... como num filme de ficção científica? Nós teríamos voltado no tempo... antes da adoção do euro.

Três – Estão a brincar? Viajar no tempo só para voltar à época do franco? Belo filme que isso dava...

Dois – Eu não disse que era um bom filme. Talvez seja apenas um pesadelo...

Um – É simples: basta vermos o dinheiro que temos nos bolsos...

Três – Eu não tenho nada... Eu estava a ir justamente ao multibanco...

Dois – Saí sem carteira. Fui só levar o lixo à rua...

Um – Eu tenho um pouco de troco no bolso...

Procura no bolso e tira uma moeda.

Um – Ah, aqui está... Uma moeda de um euro...

Três – Uf...

Dois – Deixe ver... (*Examina a moeda.*) É de dez francos...

Um – Sério?

O terceiro examina a moeda também.

Três – Oh sim, realmente... Parece muito com uma moeda de um euro... mas é uma moeda de dez francos.

Dois – Acho que se está a passar aqui qualquer coisa de extraordinário...

Um – Calma... Talvez me tenham dado essa moeda de dez francos por engano na padaria. Acontece...

Dois – Mesmo assim... Isso começa a parecer um conjunto de indícios, como dizem nas séries policiais...

Chega um quarto personagem.

Quatro – Desculpe incomodá-los, sei que isso parecerá uma pergunta estranha, mas os senhores não encontraram uma nota de quinhentos francos por acaso?

As outras três pessoas olham-no com desconfiança.

Um – Permita-me fazer uma pergunta... Em que ano estamos?

Quatro – Mas estamos em pleno século XXI, que eu saiba...

Dois – E então, em pleno século XXI, passeia-se com uma nota de quinhentos francos? Sabe o susto que nos pregou?

Um – É verdade, ficámos cheios de medo!

Três – Por momentos pensámos ter recuado no tempo, como naquele filme... Regresso ao Passado...

Quatro – Não quer dizer Regresso ao Futuro?

Dois – Sim, bem, esse não é o problema.

Quatro – Desculpe, não pensei em...

Dois – Não, mas é incrível...

Um – Tome lá a sua nota de quinhentos francos!

Três – Mas o que vai fazer com isso?

Quatro – Bem... Estava precisamente a caminho de uma loja de numismática...

Três – Um numismata?

Quatro – Sim, sabe... Moedas e notas de coleção.

Um – Entendo...

Quatro – Encontrei a nota em casa, dentro de um livro do meu avô.

Dois – O tipo de avô que usa notas como marcadores de livros...

Um – Ao menos é menos sujo do que usar sardinhas em óleo como marcadores...

Quatro – Então, pesquisei na internet quanto valeria hoje em dia.

Dois – Quanto?

Quatro – Cem euros! Quando ainda podia ser trocada no banco, valia apenas cerca de setenta e seis...

Três – Então o seu avô até tinha alguma visão dos negócios.

Um – Uma aposta no futuro, sem dúvida! Graças ao Pascal, o seu avô acabou de lhe fazer ganhar uns vinte e quatro euros.

Quatro – Quanto são vinte e quatro euros em francos?

Três – Aproximadamente 157 francos e 43 cêntimos...

Quatro – Uau... Bem, obrigado. Felizmente ainda há pessoas honestas como os senhores...

As outras três pessoas veem a quarta afastar-se.

Três – Tudo isto não me diz onde foram parar os meus cem euros...

As outras duas pessoas olham para ele.

13. Uma boa varridela

Maria está a varrer. Eduardo aproxima-se, de fato e gravata.

Eduardo – Ah, Maria... Ainda bem que a encontro. Queria falar-lhe...

Maria (*interrompendo a varredura*) – Sim, senhor?

Eduardo – Há quantos anos varre à nossa porta, Maria?

Maria – Não sei, senhor. Nunca contei. Não está satisfeito com o meu trabalho?

Eduardo – Pelo contrário, Maria, pelo contrário. Queria até dar-lhe os parabéns. Conhece o lema do nosso banco?

Maria – Cada um deve varrer à sua porta?

Eduardo – Muito bem, Maria! Graças a si, a entrada do Crédito Solidário está sempre impecável. E a entrada é a montra de um banco. Se a montra não estiver bem limpa, os clientes podem pensar que...

Maria – ...também devem ter alguma coisa de pouco limpa...

Eduardo – Precisamente! Vejo que percebeu, Maria.

Maria – Posso continuar a trabalhar, senhor?

Eduardo – Ainda não, Maria. Bem... (*Pigarreia.*) Como sabe, minha querida Maria... A minha caríssima Maria... Diria até a Maria que nos sai cara demais... Estamos em crise.

Maria – Ah, sim, senhor?

Eduardo – Uma crise, Maria! Mesmo sem ler a imprensa económica todos os dias, já ouviu falar dela, certamente. Mas que distraído sou! A Maria é espanhola, não é?

Maria – Portuguesa, senhor...

Eduardo – Ainda melhor! Quer dizer, pior... Também o seu país atravessa dificuldades económicas. Não me diga que não sabia.

Maria – Não, senhor...

Eduardo – Em suma, estamos em recessão, e o mundo financeiro é o primeiro a sofrer com a queda generalizada dos valores...

Maria – Dos valores...?

Eduardo – Os valores da bolsa, naturalmente! Mas da depressão económica à depressão pessoal vai um pequeno passo. Quando as ações caem, cai também o moral. E quando o moral bate no fundo, chega a crise de valores.

Maria – Sim, senhor...

Eduardo – Até a Maria parece um pouco deprimida, não parece?

Maria – Vou andando, senhor. Não me queixo...

Eduardo – Desculpe, Maria, mas assim, de vassoura na mão... Não me parece propriamente radiante de felicidade!

Maria – Talvez ande um bocado cansada... De tanto varrer à sua porta...

Eduardo – Quero dizer-lhe que nem o nosso banco escapa à tempestade. Também temos de poupar. Compreende, não compreende?

Maria – Sim, senhor...

Eduardo – Para seu próprio bem, o Crédito Solidário teve de tomar medidas drásticas, embora dolorosas, para preservar o seu emprego. Um emprego que, posso agora confessá-lo, esteve seriamente ameaçado.

Maria – Obrigada, senhor...

Eduardo – Por isso, Maria, tenho o prazer de anunciar que não vai ser despedida!

Maria – Mas eu trabalho sem contrato, senhor.

Eduardo – Seja como for, pode continuar a varrer à nossa porta até nova ordem. E quem sabe? Talvez um dia a deixe varrer também o gabinete do diretor.

Maria – Obrigada, senhor...

Eduardo – Naturalmente, esperamos também um pequeno esforço da sua parte para ajudar a preservar o emprego. Sem emprego não há poder de compra; sem compras não há confiança; e sem confiança não há emprego. É o círculo vicioso da estagflação. Está a acompanhar-me?

Maria – Estou a tentar, senhor...

Eduardo – Isto ultrapassa-a, minha pobre Maria, mas pode confiar em mim. Vou tentar explicar melhor. Em troca de manter o seu emprego, o Crédito Solidário propõe reduzir-lhe a remuneração em trinta por cento. Não lhe parece razoável?

Maria – Trinta por cento?

Eduardo – Um pequeno terço, se preferir.

Maria – Um terço a menos?

Eduardo – Claro que a menos! Hoje até os empregos de varredor escasseiam. Em breve, para varrer à porta de um banco, mesmo sem contrato, será preciso ter um curso superior, bons conhecimentos e talvez até fazer favores pessoais... A Maria tem estudos superiores?

Maria – Não, senhor...

Eduardo – E suponho que também não tenha amigos influentes...

Maria – Não, senhor...

Eduardo – E quanto aos tais favores pessoais, minha cara Maria, sem querer ofendê-la, não me parece que tenha todas as vantagens do seu lado... É a grande lotaria da vida. Uns nascem ricos, bem-parecidos e com apelidos importantes; outros... Enfim, há de concordar que a nossa proposta é mais do que generosa. Que me diz?

Maria – O que me parece, senhor?

Eduardo – Exatamente. Não é indispensável que tenha uma opinião, mas estou disposto a ouvi-la. Afinal, ainda vivemos numa democracia...

Maria – O que me parece...

Eduardo – Alguma coisa lhe há de parecer...

Maria – Há, sim, senhor... (*Maria levanta a vassoura para lhe bater.*) É isto que me parece!

Eduardo – Maria? Enlouqueceu? (*Ela persegue-o com a vassoura.*) Mas acalme-se! Foi só uma proposta! Nós também defendemos o diálogo social! (*Recebe várias pancadas.*) Ai! Ui! Vinte por cento?

Maria – Quer levar mais umas vassouradas?

Eduardo – Dez por cento?

Maria – Dez por cento de aumento?

Eduardo – Bem, eu... (*Maria volta a erguer a vassoura.*) Está bem! Temos de saber quando terminar uma negociação, e já percebi que a sua proposta não é negociável. Negócio fechado: o Crédito Solidário aumenta-lhe o salário em dez por cento!

Maria – Muito bem, senhor.

Eduardo – A Maria é dura a negociar! Também sabemos reconhecer as qualidades dos nossos empregados. E não lhe falta personalidade...

Maria – Obrigada, senhor...

Eduardo – Não gostaria de fazer uma formação, paga pelo banco, para entrar no nosso departamento de cobranças? Como lhe disse, estamos em crise, e há cada vez mais clientes que não pagam...

Maria – Quer outra vassourada, senhor?

Afasta-se com cautela.

Eduardo – Retiro o que disse, Maria. Deixo-a trabalhar...

Maria – Obrigada, senhor.

14. Uma sombra da rua

Está uma pessoa em cena. Chega outra, que não repara nela e julga estar sozinha.

Transparente – Bom dia. Sou o homem que ninguém consegue ver.

Inaudível – Mas... quem está a falar comigo?

Transparente – Não se preocupe, não está a ouvir vozes, como Joana d’Arc. Mas estava a dizer-lhe... Espero que ao menos não seja surdo!

Inaudível – Eu ouço-o perfeitamente. Mas onde está?

Transparente (*para o público*) – É o drama da minha vida: sou completamente transparente.

Inaudível – E o senhor consegue ouvir-me?

Transparente (*para o público*) – Vejo-lhe os lábios mexer, mas não ouço absolutamente nada.

Inaudível – É a história da minha vida: não sou mudo, mas ninguém me ouve. Nem os surdos conseguem ler-me os lábios.

Transparente – Como hei de saber se percebeu a minha pergunta, se não consigo ouvir a resposta?

Inaudível – Não consigo vê-lo nem fazer-me ouvir. Conversar assim vai ser complicado...

Um terceiro personagem chega.

Inodoro (*dirigindo-se à pessoa que vê*) – Está a falar sozinho?

Inaudível – Nem vale a pena responder-lhe...

Transparente – Não, estava a falar com aquele senhor que aí está.

Inodoro olha para Inaudível e depois volta-se na direção de onde vem a voz de Transparente.

Inodoro – Que estranho! Vejo-o ali, mas é daqui que lhe ouço a voz!

Transparente – Ah, não, mas não vai ouvi-lo. Ele é o homem inaudível.

Inodoro (*um pouco perdido*) – Ah, sim... E o senhor?

Transparente – Eu sou o homem invisível.

Inodoro – Entendi... Como no cinema, quer dizer?

Transparente – Sim... Exceto que eu realmente sou transparente. E para um ator, acredite em mim, nem sempre é uma vantagem.

Inodoro – Essa é boa... Aquele vejo-o perfeitamente, mas não ouço o que diz. Quanto ao senhor...

Transparente – Pelo menos, mesmo invisível, continuo a fazer-me entender perfeitamente.

Inodoro – Graças a Deus, eu também.

Transparente – Então havemos de nos entender muito bem.

Inodoro – No entanto, as pessoas costumam dizer que não me podem sentir.

Transparente fareja discretamente na sua direção.

Inaudível – É verdade. É quando as pessoas não sentem absolutamente nada que notamos isso.

Inodoro – Como disse?

Transparente – Nada. Mas pensei que ser inodoro é menos desconfortável do que ser invisível como eu, ou inaudível como esse pobre homem.

Inodoro fareja na sua direção, visivelmente incomodado.

Inodoro – Sem cheiro... Em alguns casos, isso até pode ser uma vantagem para os outros, acredite.

Inaudível (*também incomodado*) – É verdade que não se vê, mas sente-se muito bem a presença dele...

Transparente – Que estranho...

Inodoro – O quê?

Transparente – Somos apenas três, certo?

Inaudível – Parece que sim, não?

Transparente – No entanto, sinto uma presença... Não sentem?

Inodoro – Além do senhor, não sinto nada...

Inaudível – Uma presença espiritual, quer dizer?

Silêncio.

Transparente – A menos que seja ele...

Inaudível – Ele?

Inodoro – Aquele que, além de ser invisível, inaudível, inodoro...

Inaudível – ... também é intocável e completamente insípido.

Inodoro – Deus? Bem, isso não faz sentido...

Inaudível – De qualquer forma, não faz sentido para nenhum dos cinco que conhecemos.

Transparente – A menos que emita noutra frequência...

Inodoro – Pois... Se Deus existe, é alguém extraordinariamente discreto...

Um momento.

Transparente – Até me pergunto se, com tamanha discrição, ainda se pode falar de existência.

Inaudível – Pois...

As outras duas pessoas viram-se para ele. Parece surpreendido.

Inaudível – O quê? Que se passa comigo?

FIM

O autor

Nascido em 1955 em Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começou como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Foi depois argumentista de televisão e regressou ao palco como dramaturgo.

Escreveu cerca de uma centena de guiões para televisão e cerca de 120 comédias para teatro, algumas das quais já se tornaram clássicas (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*). É hoje um dos autores contemporâneos mais representados em França e nos países francófonos. Além disso, várias das suas peças, traduzidas para espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

No entanto, os direitos de representação, que constituem uma remuneração justa pelo trabalho do autor, são uma obrigação legal. Quer se trate de uma companhia amadora ou profissional, é necessário solicitar autorização para representar a peça e pagar os respetivos direitos de autor relativos à produção.

Jean-Pierre Martinez é representado pela Sociedade Francesa de Autores (SACD).

Para entrar em contacto com Jean-Pierre Martinez e solicitar autorização para representar uma das suas obras, utilize o formulário de contacto disponível nos seus sites :

<https://jeanpierremartinez.net/>
<https://comediatheque.net/>

Depois de ter iniciado o seu percurso como baterista, Jean-Pierre Martinez regressou recentemente à música, criando canções originais inspiradas nos seus poemas e nas suas peças de teatro.

Com Jean-Pierre Martinez Music, prolonga esse universo sob a forma de canções originais: narrativas breves, humorísticas ou melancólicas, nas quais a canção se torna, por vezes, uma pequena cena teatral.

<https://jeanpierremartinezmusic.com/>

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Arrependimento
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele
Encontro na plataforma
EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
O Roupão
Os Náufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue
Roleta russa no Kremlin
Um Sonho de Casa
Uma Vocação Frustrada

Comédias para 3

Cartas na mesa
Coisas do Acaso
Crash Zone
Cuidado frágil
Horizontes
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem
consequências
Um pequeno passo para uma
mulher, um salto no vazio para a
Humanidade...

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do
mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não
Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Despedida de Casados
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
Happy Hour
O amor é cego
O aquário
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Sogros Ideais
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Réquiem por um Stradivarius
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Um Sonho de Casa
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do
Cemitério
Era uma vez na web
Flagrante delírio
Happy Hour
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Os Náufragos do Réveillon
Os Rebeldes
Prognóstico reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas
Um Boulevard Sem Saída

Comédias para 7 ou mais

A Aldeia Mais Bonita de França
A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
De legumes e livros
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Fora de jogo
Jogo de Escape
Milagre no convento de Santa
Maria-Joana
Nem sempre a música amansa as
feras...
Nicotina
O Jackpot
O reverso do cenário
O Sorteio do Presidente
Os Flamingos azuis
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Um Sonho de Casa
Uma aldeia tão bonita
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Sketches

A ratos
Albano e Eva
Apocalypse
Aviso de passagem
Breves de confinamento
Breves de palco
Breves do jardim
Breves do tempo perdido
Calma!
Cenas de rua
Corações Abertos
De Animais e Homens
De todas as cores
De verdade e de brincadeira
Demasiado é demasiado!
Dramédias
Ela e Ele
Em branco
Entre Bastidores
Histórias insólitas
Matadores de piadas
Memórias de uma mala
Morrer de Rir
Nicotina
O Balcão
Sem Sentido Proibido

Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser descarregadas gratuitamente nos seus sites

<https://comediatheque.net>
<https://jeanpierremartinez.net/>

Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.

*Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Avinhão – Setembro de 2023

© La Comédiathèque

ISBN 978-2-37705-996-6

Documento para download gratuito